

Cultivando a ambiguidade: considerações sobre questões de complexidade no discurso crioulo / *Cultivating Ambiguity: Notes on Issues of Complexity in Creole Discourse*

Micah Corum*

RESUMO

Este artigo é uma resposta ao diálogo relativo à complexidade e simplicidade em gramáticas pidgin e crioulas. Minha abordagem requer uma visão cronotópica e não finalizada da gramática, bem como noções bakhtinianas que dão importância crucial aos contextos temporais e espaciais nas discussões sobre a expansão, o desenvolvimento linguístico e a historicidade do uso da linguagem. Assumo, nesta pesquisa, uma perspectiva modular, cujo foco recai sobre um componente pragmático da gramática: a ambiguidade no discurso. No presente estudo, enunciados linguísticos que contêm os *phrasal verbs*¹ “*rip off*” e “*hot up*” são analisados por suas características ambíguas² e bivocais. Meu objetivo é ressaltar a importância de se reconhecer a bivocalidade como uma estratégia discursiva complexa na gramática crioula afro-caribenha. Essa característica e outras construções não marcadas, ou marcadas com zero, são difíceis de se justificar utilizando as métricas atuais de complexidade versus simplicidade. Invoco, aqui, ideias de Bakhtin e sua teoria do dialogismo, na esperança de auxiliar em nossa análise do plurilinguismo e do cultivo da ambiguidade no discurso crioulo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso crioulo; Ambiguidade; Simplicidade e complexidade

ABSTRACT

This paper is a rejoinder to the dialogue concerning complexity and simplicity in pidgin and creole grammars. My position takes a chronotopic and unfinalized view of grammar, Bakhtinian notions that give crucial importance to temporal and spatial contexts in discussions about linguistic development-expansion and historicity of language use. I take a modular perspective and focus on a pragmatic component of grammar: ambiguity in discourse. Linguistic utterances that contain the phrasal verbs rip off and hot up are analyzed in the present study for their ambiguous, double-voicing features. My aim is to underscore the importance of recognizing double-voicing as a complex discursive strategy in Afro-Caribbean creole grammar. This feature and other non-salient, zero-marked constructions remain difficult to account for using current metrics of complexity versus simplicity. I invoke insights from Bakhtin and his theory of dialogism in the hope that it can aid our analysis of plurilingualism and the cultivation of ambiguity in creole discourse.

KEYWORDS: Creole discourse; Ambiguity; Simplicity and complexity

* Universidade Interamericana de Porto Rico – UIPR, San Germán, Porto Rico; micahcorum@gmail.com

¹ N. do T.: “Um *phrasal verb* é uma frase que consiste na combinação de um verbo com uma preposição ou advérbio ou ambos, cujo significado é diferente daquele de cada uma de suas partes” [No original: “A *phrasal verb* is a phrase which consists of a verb in combination with a preposition or adverb or both, the meaning of which is different from the meaning of its separate parts”]. (Cambridge International Dictionary of English. Cambridge University Press, 1995).

² *Cultivando a ambiguidade* é um termo emprestado de Faraclas e do *The Working Group on the Agency of Marginalized Peoples in the Emergence of the Afro-Atlantic Creoles* [Grupo de Trabalho da Agência de Pessoas Marginalizadas no Surgimento de Línguas Crioulas Afro-atlânticas] (2016).

Introdução

As línguas *pidgins* possuem sistemas morfológicos empobrecidos e propriedades sintáticas simples. Essa afirmação deveria ser lida de forma neutra. Contudo, ela não pode ser interpretada com neutralidade, pois a palavra *empobrecidos* denota uma mudança de estado na significação: a língua era outrora considerada rica morfolologicamente, mas seu estado atual apresenta um sistema de codificação diminuído. *Empobrecidos* e *simples* são palavras que carregam “tons contextuais” e que são compreendidas em relação a estados anteriores (BAKHTIN, 2015, p.69)³. Quando uma língua *pidgin* é estruturada dessa forma, os leitores são forçados a adotar um dos seguintes posicionamentos: (i) uma língua *pidgin* é caracterizada em relação a si mesma; isso significa que a língua precede o cenário de contato sob o qual emergiu e em seu estado anterior possuía estratégias de codificação mais complexas do que as encontradas após o cenário de contato, ou (ii) uma língua *pidgin* é caracterizada em relação a outro(s) conjunto(s) de línguas. O posicionamento (i) é inconcebível, pois uma língua *pidgin* não existe até que um contato com outra língua aconteça. Portanto, o uso de *empobrecidos* pode ser compreendido apenas em relação a línguas em contato. Embora não exista menção a idiomas de entrada na descrição de *pidgins* que aparece na primeira linha deste artigo, o leitor ainda é forçado a entender *pidgin* em relação a outra língua. O debate é estruturado por nós quando aceitamos caracterizações como *empobrecidas*, *reduzidas* e *simples* em descrições de idiomas *pidgins* e crioulos.

Discurso atual sobre complexidade e simplicidade em idiomas *pidgins* e crioulos

No cerne de discussões sobre complexidade e simplicidade em idiomas *pidgins* e crioulos existe uma obsessão por tradições alquímicas de análise, incluindo a estratificação de classes e a atomização social. A abordagem alquímica como uma versão da divisão e regra ainda é parte integrante do discurso dominante em pesquisas nas Ciências Sociais (MERCHANT, 2006; VON WERLHOF, 2011). Mesmo o famoso termo “transferência de extensão”^{4 5}, do antropólogo americano Edward Hall, pode ser

³ BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

⁴ N. do T.: Todas as traduções de excertos de obras não publicadas em português são traduções livres, de minha autoria.

atribuído às tradições alquímicas, dada a sua interpretação estruturalista: a transferência de extensão é conceituada como a representação do conhecimento externalizado em unidades perceptíveis (1976, p.28-40). O enunciado apreendido, depois de ter sido exaurido do seu contexto e isolado como uma unidade distinta de um sistema maior, é conceituado posteriormente como um constituinte morfofonêmico ou morfossintático; este é um exemplo de transferência de extensão.

No contexto linguístico *pidgin* e crioulo, a estratégia da divisão e regra é evidente nas tentativas de se quantificar as unidades de gramática e de sons de fala perceptíveis a partir de enunciados apreendidos e também no agrupamento de línguas com base em seus pesos globais e pontuações relativas. Existe uma tendência crescente de se medir a complexidade e simplicidade ao examinar o número de unidades e regras fonológicas e morfossintáticas que são percebidas entre as línguas de contato e suas línguas de entrada – a que Mufwene (2013) se refere como análise de “complexidade por unidades” (p.162, *apud* DEGRAFF, 2001, p.268)⁶. Recentemente, a questão da complexidade se fundiu às discussões sobre distinção crioula (BAKKER; DAVAL-MARKUSSEN; PARKVALL; PLAG, 2011; BAKKER, 2016). A complexidade é examinada de forma comparativa nesses estudos, sendo essas comparações feitas a fim de examinar o quão não-africanas e não-europeias são essas línguas de contato. Existem duas tendências dominantes que os crioulistas⁷ seguem em relação às comparações entre idiomas crioulos afro-caribenhos (*Afro-Caribbean English-lexifier Creoles* – doravante AECs), seus lexificadores europeus e seus substratos e adstratos da África Ocidental. Primeiramente, o componente central da maioria desses estudos é o foco em características estruturais do sistema de tempo, modalidade e aspecto (TMA). O sistema TMA reflete a semântica de categorias temporais, emocionais e de continuidade. Crioulos como o *Nigerian Pidgin* e o *Crucian* (crioulo de base inglesa das Ilhas Virgens) têm itens lexicais que marcam categorias funcionais, uma estratégia considerada pelos crioulistas como menos complexa do que as estratégias de codificação existentes nas variedades das “línguas inglesas” faladas nos grandes centros metropolitanos, por exemplo, que possuem estruturas de inflexão que codificam

⁵ No original: “extension transference”.

⁶ No original: “bit complexity”.

⁷ N. do T. Utilizaremos o termo crioulista na acepção dada por Sacconi (2010, p.563): linguistas que estudam as línguas crioulas. [SACCONI, L. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010.]

características gramaticais, como a habitualidade e a completude. Siegel (2008) sintetiza o conhecimento adquirido sobre a morfologia inflexória: “a lexicalidade corresponde à simplicidade morfológica enquanto a gramaticalidade corresponde à complexidade” (p.43)⁸. Em segundo lugar, em muitos casos, esta dicotomia lexical *versus* funcional é atrelada a uma das duas abordagens que busca simplicidade ou complexidade em gramáticas *pidgin* e crioulas: holística *versus* modular. As abordagens holísticas concebem as línguas como entidades finalizadas, monolíticas. As abordagens modulares abordam as potencialidades específicas do contato linguístico que ajudaram a moldar um domínio linguístico de uma língua de contato (para casos em que a entrada de substrato e adstrato influenciou o domínio e o local da marcação, ver, por exemplo, Essegbey, 2005 e Corum, 2015). McWhorter (2011) compara os idiomas com base no tempo de existência que possuem e na satisfação a determinados critérios, uma espécie de “teste decisivo do crioulo” (p.1-18)⁹ e conclui que as línguas crioulas possuem gramáticas menos complexas do que as línguas mais antigas. Embora o autor generalize sobre todas as gramáticas crioulas, a abordagem de McWhorter é, em parte, uma abordagem modular, com foco em construções comparativas, relações distais e proximais, bem como no sistema copular.

O que emerge de estudos que examinam apenas as estratégias de marcação TMA e concebem a língua como um sistema finalizado e isolado revela discursos dominantes que prevalecem nas ciências sociais e humanas. Muitas vezes, as conclusões desses estudos destacam a superioridade das línguas e culturas europeias, bem como suas abordagens científicas de análise linguística, com um leve reconhecimento das estratégias discursivas complexas incorporadas nos modos de comunicação AEC – estratégias essas que são em grande parte ausentes ou evitadas nos modos ocidentais de comunicação.

As seções que se seguem são uma resposta ao diálogo sobre complexidade e simplicidade em gramáticas *pidgins* e crioulas. Meu posicionamento está alinhado ao de Siegel (2008, p.21-22), na medida em que apresenta uma visão cronotrópica e não finalizada da expansão gramatical em línguas de contato, noções bakhtinianas que dão importância crucial aos contextos temporais e espaciais nas discussões sobre

⁸ No original: “lexicality corresponds with morphological simplicity while grammaticality corresponds with complexity”.

⁹ No original: “creole litmus test”.

desenvolvimento linguístico e historicidade de uso da linguagem. Em minha análise, destaco um componente pragmático da gramática crioula: a ambiguidade no discurso. Encontramos ambiguidade em *pidgins* e crioulos em ambos os níveis da gramática: estrutural e pragmático. No nível estrutural, há “marcação zero” de número em substantivos e de gênero em pronomes. Características ambíguas como essas não foram eliminadas durante a formação da língua de contato e, de fato, hoje são consideradas típicas de sintagmas nominais, tanto em *pidgins* e crioulos do Atlântico e como do Pacífico (HOLM, 2000, p.212-217). No entanto, elas ainda são vistas como características secundárias, “inventadas” por falantes de línguas de contato, como o crioulo havaiano (BICKERTON, 1981, p.26). Em termos de análise de complexidade por unidades, a marcação zero não seria notada porque não é perceptível e, portanto, não quantificável. Em suma, a ambiguidade, em ambos os níveis de gramática (estrutural e pragmática), continua a ser de uso controverso em métricas atuais de complexidade *versus* simplicidade. Meu objetivo, neste trabalho, é ressaltar a importância de se reconhecer estratégias discursivas pragmáticas como características complexas dos AECs. Meu foco recai nas construções dos *phrasal verbs* e em suas características de bivocalidade, com especial atenção aos *phrasal verbs rip off* e *hot up* no crioulo Crucian. Na próxima seção, invoco ideias de Bakhtin e do Círculo (2015)¹⁰ e de sua teoria sobre o heterodiscurso dialogado, na esperança de que possa nos auxiliar em nossa análise do plurilinguismo e do cultivo da ambiguidade no discurso crioulo.

Dialogismo e Simultaneidade em Gramáticas do *Pidgin* e Crioulo

Mikhail Bakhtin¹¹ foi um brilhante pensador russo cujas ideias sobre comunicação e consciência desafiaram a visão cartesiana racionalista e mecanicista da linguagem e da mente. Bakhtin enfatizou que a função comunicativa da linguagem deve ser conceituada como um evento dialógico compartilhado, ao contrário de uma atividade monológica, em que os símbolos são manipulados e as operações algorítmicas realizadas isoladamente por falantes individuais. Nesta visão dialógica, os enunciados de um falante são entendidos como instâncias tempo-espaciais de seus eventos de fala;

¹⁰ Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 3.

¹¹ N. do E.: Na realidade, podemos afirmar que existe um *pensamento bakhtiniano*, elaborado coletivamente pelos diferentes membros do Círculo.

essas instâncias transmitidas pelos enunciados são sempre produzidas e compreendidas em contextos socioculturais, históricos e de gêneros e registros linguísticos específicos (BAKHTIN, 2015)¹². Ademais, as maneiras pelas quais hoje organizamos, utilizamos, reorganizamos e reutilizamos a linguagem está inextricavelmente ligada às formas como outros organizaram, utilizaram, reorganizaram e reutilizaram a linguagem no passado, de acordo com seus contextos socioculturais, históricos e de gêneros e registros linguísticos específicos. Essa teoria da linguagem é chamada de dialogismo e quase se assemelha a uma teoria mecânica quântica da comunicação, como, por exemplo, em sua descrição do significado como um estado emaranhado:

O dialogismo atesta que todo significado é relativo, no sentido de que ocorre apenas como o resultado da relação entre dois corpos que ocupam um espaço simultâneo, mas distinto, em que corpos possam ser compreendidos desde o imediatismo de nossos corpos físicos até órgãos políticos e/ou corpos de idéias em geral (ideologias) (HOLQUIST, 2002, p.19)¹³.

Línguas crioulas, como instâncias de “língua-nação” (BRATHWAITE, 1984)¹⁴, estão em sintonia com a teoria do dialogismo. A língua-nação não é um sistema único e unitário, mas uma diversidade de potencialidades linguísticas. Brathwaite distingue o quadro dos conceitos monológicos unitários e hegemônicos da língua, tipificados por línguas europeias normativas, escritas a partir de tradições orais dialógicas da África e alhures (FARACLAS, 2009). A língua-nação não é uma língua nacional que pode ser isolada e compreendida apenas em relação a um povo e a um espaço. Num contexto de contato heteroglóssico afro-caribenho, os falantes têm acessos a uma gama de variedades linguísticas, que incluem diversos tipos de inglês, códigos mistos e línguas entrelaçadas, bem como vestígios de línguas africanas e indígenas. Nele, uma língua é reconhecida por direito próprio e expresso quando necessário:

O assunto de que vou tratar nesta manhã é o idioma afro-caribenho e o processo de uso do inglês de uma maneira diferente da “norma”.

¹² Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 3.

¹³ No original: “Dialogism argues that all meaning is relative in the sense that it comes about only as a result of the relation between two bodies occupying simultaneous but different space, where bodies may be thought of as ranging from the immediacy of our physical bodies, to political bodies and to bodies of ideas in general (ideologies)”.

¹⁴ No original: “nation language”.

Inglês em um novo sentido, como eu prefiro chamar. Inglês em um sentido ancestral, inglês em um sentido muito tradicional. E, às vezes, não é sequer inglês, mas apenas uma língua (BRATHWAITE, 1984, p.5)¹⁵.

A ideia de uma língua-nação contradiz a noção de língua unitária, que mostra tendências centrípetas impostas por instituições dominantes e suas práticas normativas. A língua-nação é encontrada em práticas heterodiscursivas, nas quais forças contraditórias colidem e dão origem a muitas verdades. Nesse sentido, a língua-nação e o hibridismo crioulo encontram conexões com o dialogismo:

‘Ambos/e’ não é uma mera oscilação entre duas possibilidades mutuamente exclusivas. Cada uma delas é lógica e consistente em si mesma, garantindo, assim, a possibilidade adicional de verdade, uma vez que uma lógica desse tipo restritivo é tão limitativa que apenas uma das duas opções poderia estar correta. A dialógica tem sua própria lógica, mas não é desse tipo exclusivo (HOLQUIST, 2002, p.40)¹⁶.

A língua-nação também não oscila entre duas interpretações mutuamente exclusivas de um enunciado. Ela existe entre falantes e ouvintes, e as vozes que podem ser por ela transmitidas estão abertas à interpretação, sendo ao menos duas delas provenientes de perspectivas de falantes e ouvintes imediatos. Entretanto, uma interpretação de um único enunciado não anula interpretações segundas, terceiras, etc.; essas interpretações simultâneas que são alcançadas devido às múltiplas vozes que são transmitidas através do enunciado concreto, transportam potencialidades de significado para uma determinada pessoa, que, por sua vez, pode detectar um vestígio familiar de seu passado, presente ou futuro, dado o contexto específico do registro ou do gênero desse enunciado. Este fato de linguagem é conceituado neste artigo como uma característica de bivocalidade do discurso crioulo, que se baseia na noção de bivocalidade de Bakhtin.

¹⁵ No original: “What I am going to talk about this morning is language from the [Afro] Caribbean, the process of using English in a different way from the ‘norm’. English in a new sense as I prefer to call it. English in an ancient sense. English in a very traditional sense. And sometimes not English at all, but language”.

¹⁶ No original: “‘Both/and’ is not a mere wavering between two mutually exclusive possibilities, each of which is in itself logical and consistent, thus insuring the further possibility of truth, since a logic of this restrictive sort is so limiting that only one of the two options can be correct. Dialogic has its own logic, but not of this exclusive kind”.

De forma semelhante à dualidade onda-partícula da mecânica quântica, a bivocalidade sugere que os enunciados podem ser “internamente não solucionad[os] e ambivalente[s]” (BAKHTIN, 2010, p.227)¹⁷. Esta dialogização interna de um enunciado é observada em níveis lexicais, sintáticos e pragmáticos de gramáticas *pidgin* e crioulas. Na língua *Student Pidgin* de Gana, por exemplo, a forma *body* (corpo) derivada do inglês funciona como um item gramatical na predicação locativa e transmite significados que espelham os usos de itens semelhantes nas línguas ganesas do grupo Kwa, incluindo Fante, Twi, Ga e Ewe (CORUM, 2015, p.117-119); duas ou mais dessas línguas Kwa fazem parte dos repertórios linguísticos da maioria dos falantes do *Student Pidgin* ganês. Além dos múltiplos significados que *body* pode ter em descrições de relações locativas, a natureza híbrida “ambivalente” de um enunciado contendo *body* torna-se mais aparente quando se considera a posição sintática do item gramatical. Ao contrário das preposições em inglês, *body* aparece em posposição: *rope dé tree im body* “*The rope is around the tree*” [A corda está ao redor da árvore]. O enunciado é internamente não solucionado e duplamente orientado, pois as palavras são inglesas, mas a semântica e a sintaxe são Kwa. O enunciado híbrido também carrega consigo implicações sociolinguísticas no contexto ganês.

O *Student Pidgin* de Gana é uma variedade refratada do antigo *pidgin* de lexificador inglês falado na África Ocidental. A maioria dos falantes do *Pidgin* nigeriano e do *pidgin* inglês de Gana não usa os itens gramaticais pospostos em descrições de relações locativas. Ao colocar um item após um sintagma nominal em *Student Pidgin* ganês, os falantes criam um sinal verbal que está inextricavelmente ligado a um tema ideológico. O uso do *Student Pidgin* ganês reflete a adesão de um grupo de pessoas que tiveram educação formal em instituições secundárias e terciárias em Gana; historicamente, essa não foi uma característica de indexação comum do *pidgin* na África Ocidental. Portanto, em Gana, a variedade estudantil distorce a própria ideia do que representa o *pidgin* de lexificador inglês da África ocidental. Uma “orientação avaliativa” (VOLÓCHINOV, 2017, p.236)¹⁸ foi realizada com a reapropriação de uma língua *pidgin* no contexto ganês: adicionando novos recursos

¹⁷ BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

¹⁸ VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

distintivos ao idioma de contato existente, permitiu aos falantes atribuir um novo valor a um idioma que historicamente havia sido estigmatizado como um inglês mal falado ou corrompido. Além disso, a escolha de uma variedade historicamente estigmatizada em lugar de uma variedade de orientação europeia como marcador de indexicalidade social representa um desafio para o *habitus* linguístico normativo do Gana anglófono.

O importante papel atribuído pelos membros do Círculo de Bakhtin à natureza sociológica dos enunciados foi mais tarde ecoado pelos crioulistas Le Page e Tabouret-Keller (1985), cujo trabalho sobre interações socioverbais como atos linguísticos de identidade mostrou como um “comportamento idiossincrático de um indivíduo reflete atitudes relacionadas a grupos, causas e tradições, mas é restringido por certos fatores identificáveis, e como a identidade de um grupo está dentro das projeções que os indivíduos fazem dos conceitos que cada um tem sobre esse grupo” (p.2)¹⁹. Mais recentemente, os crioulistas começaram a explorar a forma como atos linguísticos de identidade podem ser vistos à luz dos fenômenos de multivocalidade nas línguas crioulas dos atlânticos. As ideias de Faraclas et al. (2014), por exemplo, são discutidas abaixo e definem o tom do restante deste artigo sobre as construções dos *phrasal verbs* e suas características de bivocalidade no crioulo Crucian.

Estratégias de complexidade e plurivocalidade em línguas crioulas afro-caribenhas de lexificador inglês

Com base nas noções de “dupla consciência” de Du Bois (1903, p.2-3)²⁰ e “heterodiscurso” de Bakhtin (2015, p.30)²¹, Faraclas et al. (2014) conceituam a plurivocalidade afro-atlântica como meio de afirmar afiliações com diferentes identidades linguísticas e heranças culturais. Mais especificamente, elas fornecem um suporte sólido para cenários de convergência entre substratos da África Ocidental, lexificadores europeus e línguas de contato protoatlânticas. Eles acreditam que os usos multifuncionais de itens lexicais e gramaticais em AECs revelam complexidades em estratégias discursivas que se caracterizam melhor como respostas engenhosas e

¹⁹ No original: “individual’s idiosyncratic behavior reflects attitudes towards groups, causes, and traditions but is constrained by certain identifiable factors; and how the identity of a group lies within the projections individuals make of the concepts each has about the group”.

²⁰ No original: “double consciousness”.

²¹ Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 3.

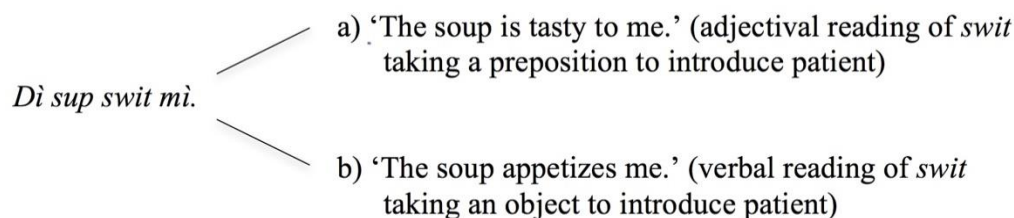
criativas à língua em geral e à língua de contato em particular. No sentido dialógico, as palavras e construções multifuncionais da AEC podem ser usadas para prender a atenção de públicos variados:

A plurivocalidade permitiu que os falantes de crioulos do Atlântico se equipassem com um repertório linguístico que lhes permitiu usar o que, à primeira vista, parecia serem exatamente as mesmas palavras e estruturas de identidades afro-atlânticas, identidades euro-atlânticas, identidades crioulas do Atlântico e outras identidades, para um público extremamente diversificado e, muitas vezes, muito hostil e perigoso, bem como comunidades de prática em diálogo com as quais lograram sobreviver (e até prosperar) através da escravidão, do colonialismo e do neocolonialismo (FARACLAS *et al.*, 2014, p.177-178)²².

Um exemplo claro de plurivocalidade como uma estratégia discursiva complexa é observado quando o falante faz uso de itens lexicais que transmitem conceitos de propriedade, ou seja, palavras que são consideradas adjetivos em línguas europeias e verbos estáticos em línguas da África Ocidental (FARACLAS *et al.*, 2014, p.178; MAZZOLI, 2015). Na Fig. 1 abaixo, um único enunciado '*dì sup swit mì*' do *Pidgin* nigeriano é interpretada de forma diferente sob certas lentes linguísticas: lentes europeias (a), que favorecem interpretações estáticas de itens de propriedade e lentes da África Ocidental (b), que favorecem interpretações dinâmicas de itens de propriedade.

²² No original: “Pluri-voicing has allowed Atlantic Creole speakers to equip themselves with a linguistic repertoire that has enabled them to use what appear at first glance to be the exact same words and structures to simultaneously assert Afro-Atlantic identities, Euro-Atlantic identities, Atlantic Creole identities and other identities to the extremely diverse and often very hostile and dangerous audiences and communities of practice in dialogue with whom they have managed to survive (and even thrive) through slavery, colonialism, and neo-colonialism”.

Fig. 1: Bivocalidade do conceito de propriedade *swit* no *Pidgin* nigeriano (adaptado de Faraclas et al., 2014, p.179-180)²³



Existem razões convincentes para se aceitar ambas as vozes (a) e (b) no lexificador inglês da Fig. 1 acima. As fontes de substrato e adstrato foram influentes na adoção de itens gramaticais multifuncionais no discurso crioulo. Elas impactaram não só a motivação para os usos desses itens em certas construções, mas também as estratégias pragmáticas que foram escolhidas pelos falantes durante as interações verbais. Ainda hoje encontramos o impacto da influência do substrato e adstrato sobre essas três áreas no discurso crioulo afro-atlântico e do Pacífico. Algumas características desses elementos herdados são distintas dos elementos das línguas lexificadoras normativas europeias. Em primeiro lugar, as estratégias discursivas nas línguas da África Ocidental valorizam os modos de comunicação orientados ao desempenho e, muitas vezes, empregam itens multifuncionais que promovem o “cultivo da ambiguidade” e a inexactidão (FARACLAS *et al.*, 2014, p.181²⁴; cf. também Ameka e Breedveld, 2004; Tarr, 1979). Os modos de comunicação orientados ao desempenho resultam em múltiplas interpretações de enunciados únicos e outros atos de fala e, intencionalmente, atraem os ouvintes para o diálogo.

Em segundo lugar, as fronteiras entre os itens lexicais e funcionais são mais difusos e menos rígidos em línguas da África Ocidental do que em línguas normativas europeias. Os itens lexicais geralmente possuem espaços semânticos sobrepostos em AECs e, infelizmente, os crioulistas citam esse fato como uma evidência de subespecificação, isto é, de descaracterização ou marcação não aberta na gramática. A marcação zero, como descrito anteriormente neste artigo, é outro exemplo do que poderia ser denominado uma característica subespecificada das gramáticas *pidgin* e

²³ Nossa tradução: “a) ‘A sopa é saborosa para mim’ (*swit* como adjetivo, usando uma preposição para introduzir o termo paciente). b) ‘A sopa me apetece’ (*swit* como verbo, usando um objeto para introduzir o termo paciente).”

²⁴ No original: “cultivation of ambiguity”.

crioulas. Além da marcação zero de sintagmas nominais, também existem certas construções e verbos copulares ou de ligação no tempo presente e no modo *realis* que são deixados sem marcação. A interpretação factativa, por exemplo, não requer marcação aberta de verbos de ação. Os falantes entendem que um evento ocorreu no passado quando eles se deparam com o aspecto factativo; no entanto, esse conhecimento sobre características não salientes da gramática deve ser acessível a um usuário para que ele/ela possa interpretar o significado pretendido de um enunciado. Huang (2013) fornece uma visão geral da marcação em um contexto discursivo:

A saliência é uma noção dinâmica e gradativa. Ela varia em diferentes estágios de processamento e em diferentes discursos. Ela também reflete a situação em que uma entidade mental possui vários significados competindo por saliência ao mesmo tempo. Vale destacar que a saliência funciona em um discurso, que é composto por dois elementos principais: a qualidade linguística formal de um determinado trecho de linguagem e seus usuários individuais ou de um grupo... Nesse sentido, os significados salientes estão submetidos à variedade de informações linguísticas e extralinguísticas, bem como a conhecimentos acessíveis aos usuários da língua (HUANG, 2013, p.113)²⁵.

Vale também ressaltar que as AECs e seus substratos e adstratos da África Ocidental foram descritas como “aspectos proeminentes” na literatura (FARACLAS, 1990, p.105; PARKVALL, 2000, p.87)²⁶, o que significa que a estratégia preferida dos falantes é marcar o aspecto e não o tempo e, portanto, informar sobre como um evento se desenrola em vez de quando ocorre um evento. O aspecto factativo permite que os falantes façam referência ao tempo sem marcá-lo abertamente no discurso. Contudo, existem maneiras de tornar o tempo e o *irrealis* mais salientes. Os falantes podem desambiguar essas categorias, inserindo marcadores apropriados em um enunciado: *don* para [+ completivo], *de* para [- completivo], e *go* para [-*realis*]. Se um marcador não estiver incluso, então um verbo de ação como “go” em um enunciado no *Pidgin* nigeriano, como *im gó háws* seria interpretado de múltiplas maneiras: *s/he has gone*

²⁵ No original: “Saliency is a dynamic and graded notion. It varies at differing stages of processing and in differing discourses. It also reflects the situation where one mental entity has multiple meanings competing for saliency at the same time. Importantly, saliency functions in a discourse, which is composed of two core elements: the formal linguistic quality of a particular stretch of language, and its individual or group users.... In this sense, salient meanings are subjected to the range of linguistic and extra linguistic information and knowledge accessible to the language users”.

²⁶ No original: “aspect prominent”.

home, ou *s/he went home*, ou *s/he goes home*, ou *s/he is going home* (FARACLAS, 2009)²⁷.

Exemplos de marcação zero e suas interpretações ambíguas resultantes podem ser observados na ausência de cópulas em construções locativas e equativas. A marcação zero em crioulo misquito, por exemplo, ocorre quando “*dé*” é omitido antes de advérbios locativos, como em frases preposicionais: *Ai no nuo if it [dé] in di baibl - ‘I don’t know if it’s [there] in the Bible’* [Não sei se está (lá) na Bíblia] (HOLM, 1976, p.266). A ausência da cópula ou verbo de ligação *dé* produz pelo menos duas interpretações diferentes para o enunciado da expressão crioula: “[marcação zero] torna o *de* ambíguo, como ‘be’ ou ‘there’ locativo depois de uma cópula zero” (HOLM, 2000, p.199)²⁸. Olhando para a ecologia de contato do *singlish* (Singapura), as línguas malaias e chinesas têm construções equativas de cópula zero. Faz sentido que o *singlish* adquira a estratégia de marcação cópula zero também, uma vez que emergiu de uma matriz tipológica em que a cópula zero em construções equativas era um tipo dominante de padrão de frequência (ANSALDO, 2004, p.135).

Em todos os casos mencionados acima, a marcação zero contribuiu para uma característica pragmática da gramática *pidgin* e crioula: o cultivo da ambiguidade. Essa estratégia linguística atrai os falantes para as interações socioverbiais. Os significados que emergem dos enunciados não são fixos, mas sim negociados por falantes e colocados sob um horizonte valorativo que permite que novos significados emergjam de significados anteriormente reconhecidos (VOLÓCHINOV, 2017, p.238)²⁹. Hoje, o uso contínuo da marcação zero em enunciados *pidgin* e crioulos é um testemunho das avaliações positivas que os falantes têm com relação à flexibilidade de suas gramáticas; neste artigo, a estratégia é observada em termos de forças centrífugas que motivam os falantes a afastar as tendências normativas de suas gramáticas.

Na próxima seção, apresento outro exemplo do cultivo da ambiguidade no contexto da AEC, enfocando os usos das construções de *phrasal verb* no idioma crioulo Crucian das Ilhas Virgens dos Estados Unidos. Os significados duplos encontrados nos usos dessas construções fornecem suporte para o argumento de plurivocalidade acima

²⁷ N. do T.: As orações apresentam diferentes tempos verbais: *s/he has gone home* (present perfect); *s/he went home* (simple past); *s/he goes home* (simple present); *s/he is going home* (present progressive).

²⁸ No original: “[zero-marking] makes *de* ambiguous as either locative ‘be’ or ‘there’ after a zero copula”.

²⁹ Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 18.

descrito em Faraclas et al. (2014). Extraí os exemplos de construções de *phrasal verbs* de um pequeno *corpus* do crioulo Crucian. Os dados do *corpus* são compostos de gravações telefônicas que foram transcritas pelo sistema judicial de St. Croix no início dos anos 2000. Converti as transcrições em arquivos de texto acessíveis (.txt) para permitir que um concordanciador, como o AntConc 3.4, realizasse buscas de palavras-chave em contexto (*key word in context* - KWIC) nos arquivos e identificar as construções mais frequentes. Embora as gravações tenham sido feitas em St. Croix, o *corpus* não é representativo do crioulo Crucian em geral. Os dados contêm exemplos linguísticos produzidos por pessoas de St. Croix e de outras áreas da região do Caribe que falam variedades de AEC. Ademais, a maioria das pessoas é do sexo masculino, entre as idades de 18 e 30 anos. Portanto, as conclusões a que cheguei neste trabalho refletem afirmações variadas sobre características e usos da AEC³⁰.

Cultivando a ambiguidade: as construções de *phrasal verbs* e a bivocalidade no Crucian

O *corpus* do Crucian é importante para o estudo do discurso crioulo em geral porque fornece um grande número de dados de linguagem heterodiscursiva natural que consiste inteiramente de interações dialógicas entre falantes. Além disso, as especificidades do interlocutor, do tempo e do espaço, se refletem nos enunciados linguísticos que compõem o *corpus*, na medida em que os dados foram gravados a partir de chamadas telefônicas e, portanto, os enunciados produzidos pelos falantes do Crucian foram direcionados para outros falantes de variedades crioulas afro-caribenhas. Há poucas razões para se acreditar que os enunciados concretos dos falantes refletem tendências normativas e hegemônicas da gramática inglesa em todos os casos. De fato, variações gramaticais abundam nos dados do Crucian; pode-se argumentar que os falantes usam formas que refratam características do inglês normativo para afirmar atos linguísticos de resistência contra instituições estabelecidas e as práticas normativas que elas impõem (cf. Gonzalez-Lopez, 2014 para uma discussão de línguas crioulas como língua espiritual de resistência).

³⁰ Um agradecimento especial ao Departamento de Inglês da Universidade de Porto Rico, por fornecer acesso aos dados (cf. Vergne, 2008 para uma discussão sobre esses dados e reflexões profundas sobre usos éticos de dados para fins linguísticos).

A bivocalidade neste artigo se refere à complexa interação de características linguísticas que permitem interpretações múltiplas de enunciados únicos no discurso crioulo. *Cronos* e *topos* no termo enunciado *cronotópico*, mencionado no início deste artigo, são entendidos em relação ao tempo - ou idade - dos falantes e aos contextos espaciais nos quais usam sua variedade de AEC - em St. Croix, Ilhas Vírgens. Mais especificamente, temos um retrato sincrônico de como a AEC é usada por jovens adultos entre 18 e 30 anos, no nordeste da região afro-caribenha de hoje. Essa temporalidade molda o caráter dos enunciados que encontramos nos dados do *corpus* do Crucian; minha expectativa era de que os dados extraídos de textos antigos do Suriname também tivessem características de composição distintas e, portanto, cronotópicas (ARENDS; PERL, 1995). No entanto, há características de síntese que levam gerações de falantes de AECs a terem estratégias de discurso semelhantes, independentemente de seus diferentes tempos e lugares. Estas são características de hibridação que falam da “multiacentuação” do discurso crioulo (VOLÓCHINOV, 2017, p.113)³¹, isto é, padrões contínuos de convergência de substrato ancestral e componentes atuais do lexificador da gramática crioula. Exemplos específicos de padrões de convergência foram fornecidos na seção anterior. A mistura híbrida de características das fontes de substrato e lexificadoras na formação de gramáticas crioulas está diretamente relacionada à característica de Bakhtin de bivocalidade: no *Student Pidgin* ganês e no *Pidgin* nigeriano, exemplificados anteriormente, vimos duas ou mais consciências linguísticas diferentes que colidiram em enunciados concretos únicos, sendo que ao menos duas dessas consciências podem ter sua origem relacionada às línguas africanas e inglesas. Nas próximas duas seções, forneço uma análise de estratégias similares, que são alcançadas por meio do uso de construções em *phrasal verbs* do Crucian.

As construções dos *phrasal verbs* consistem em verbos e morfemas funcionais, como *bring out* and *hook up*. Os *phrasal verbs* são interessantes do ponto de vista semântico-cognitivo porque são construções altamente produtivas, que usam morfemas funcionais para adicionar conteúdo semântico a verbos. Ao adicionar morfemas funcionais aos verbos nas construções dos *phrasal verbs*, os falantes ajustam as restrições semânticas impostas a certos verbos. Nos dados coletados do Crucian, encontramos morfemas funcionais usados em lugares em que o inglês prefere afixos,

³¹ Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 18.

modais ou advérbios. Abaixo, apresento exemplos de construções de *phrasal verbs* do Crucian, nas quais os morfemas e suas colocações resultam em mudanças de significado que não são observadas nas variedades de inglês americano ou britânico.

Rip Off

Em inglês, *rip* sofre uma mudança de significado quando é usado transitivamente e um morfema é adicionado ao verbo. O *Oxford English Dictionary* define *rip off* como: “rasgar ou puxar (algo) rapidamente ou forçosamente *para longe* de algo ou de alguém” (grifo meu)³². Quando o verbo é usado com um objeto, *rip* tem o significado de ‘rápido’ ou ‘forçado’, e o morfema dá o significado de ‘remoção’. No *corpus* do Crucian, lê-se a descrição de um evento no qual um depoimento foi fixado na porta de alguém e sua remoção relatada posteriormente:

- 1) *They dou rip it off.*
They have ripped it off.

A tradução de (1) é uma leitura literal do *phrasal verb rip off*; observe a posição do pronome, que está entre o verbo e o morfema na AEC e a tradução em inglês para dar o significado no *Oxford English Dictionary*. Em uma parte diferente do *corpus* do Crucian, há uma situação em que dois indivíduos discutem os detalhes de um assalto. Nos exemplos (2) e (3), os falantes usam *rip off* de forma diferente da situação citada anteriormente:

- 2) *If he want thirteen thousand we gon rip off he head.*
If he wants thirteen thousand, we will rob him.
- 3) *you got to mek it look like you ripping off my head to.*
You have to make it look like you are robbing me, too.

No diálogo acima, os falantes empregam o *phrasal verb rip off* com o sentido de ‘roubar’, isto é, trapacear. Pesquisas de *rip off* em dois *corpora* do inglês escrito (o *corpus Freiburg-LOB (FLOB)* de inglês britânico escrito da década de 1990 e o *corpus Freiburg-Brown (FROWN)* de inglês americano escrito da década de 1990) retornam

³² No original: “tear or pull (something) quickly or forcibly away from something or someone else”.

ocorrências de *rip* do *phrasal verb* que são semelhantes aos enunciados do *corpus* do Crucian.

4) *if you're going to rip someone off when you're ripping off your clothes, who better than Madonna?* (FLOB_C16, lines 216-217)

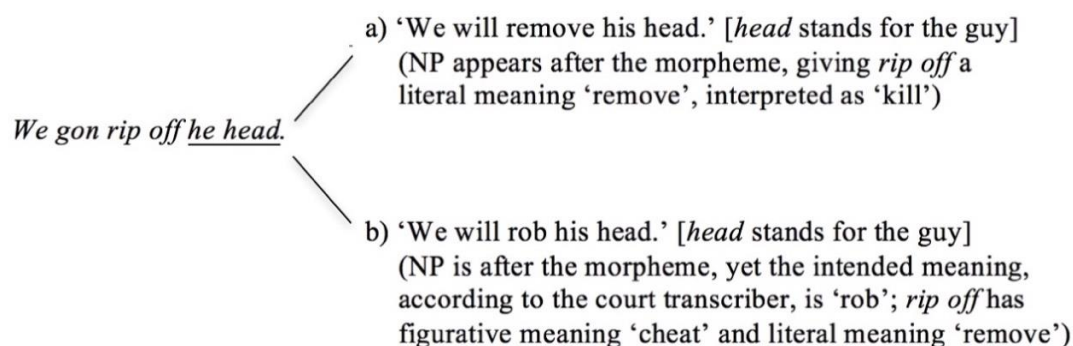
5) *You plan to rip me off?* (FROWN_C05, line 81)

Tanto nas variedades do inglês britânico como nas variedades do inglês norte-americano, o pronome deve ocorrer entre o verbo e o morfema. Se um sintagma nominal é usado no lugar de um pronome, ele pode aparecer antes ou depois do morfema, como acontece em *ripping off your clothes*. Contudo, se ela aparecer depois do morfema, o *phrasal verb* terá uma interpretação literal, que, neste caso, é ‘remover rapidamente ou forçosamente’. Assim, a oração “*I will rip off NP's head*”, no inglês norte-americano dos Estados Unidos, não pode significar ‘roubar/trapacear’, pois o significado pretendido é ‘machucar ou destruir/matar’, seja no sentido figurado ou literal. O enunciado *rip NP's butt off* significa ‘*cheat NP*’, enquanto *rip off NP's butt* soa incomum e possui algumas conotações físicas. Concluo, portanto, que as seguintes regras se aplicam ao inglês, para a construção do *phrasal verb rip off*:³³ i) se um sintagma nominal aparecer entre *rip* e *off*, a construção do *phrasal verb* tem o sentido figurado de ‘*cheat*’ (trapacear) ou o significado literal ‘remover’; e, ii) se um sintagma nominal aparecer depois, a construção do *phrasal verb* terá um sentido literal de ‘remover’, que pode ser interpretado figurativamente como ‘matar’ ou ‘tornar invisível’.

Nos dados extraídos do *corpus* de Crucian, observei que os falantes dos exemplos (2) e (3) usavam “*rip off he head*” e “*ripping of my head*” em inconformidade com os usos de *rip off* ilustrados em (i) e (ii) acima. Ainda que a parte do corpo do sintagma nominal “*he head*” apareça após o morfema, o significado pretendido ainda é ‘*cheat*’ (trapacear), de acordo com a tradução fornecida pelo transcritor do tribunal. Ao mesmo tempo, no entanto, o significado esperado, dada a posição do sintagma nominal postulada em (ii) ainda se aplica: o ato de roubar resultará na remoção do sujeito de atividades futuras, matando-o ou eliminando-o figurativamente. A bivocalidade de *rip off* está ilustrada na Fig. 2 abaixo.

³³ Neste estudo ignoro o sentido de ‘imitar’ para *rip off*, uma vez que não há nenhum exemplo de uso do *phrasal verb* com esse sentido no *corpus* do Crucian.

Fig. 2: Bivocalidade do *phrasal verb* 'rip off' no corpus do Crucian³⁴



Existem duas vozes que colidem em um único enunciado que contém “*rip off he head*”: uma voz reafirma a gramática inglesa, em que os sintagmas nominais que aparecem após os morfemas apresentam significados literais; uma segunda voz reafirma a gramática crioula afro-caribenha, na qual os sintagmas nominais podem aparecer após os morfemas e apresentar significados figurados. Assim, existem duas interpretações simultâneas, mas diferentes, do *phrasal verb rip off* no Crucian, semelhante à bivocalidade de *swit* no *Pidgin* nigeriano, visto na Fig. 1. As línguas crioulas afro-caribenhas cujo lexificador é o inglês são especialmente habilidosas nesse fenômeno de bivocalidade, que foi enquadrado em termos de “cultivar a ambiguidade” nas seções anteriores e que, mais recentemente, foi explorado por Faraclas e pelo *The Working Group on the Agency of Marginalized Peoples in the Emergence of the Afro-Atlantic Creoles* [Grupo de Trabalho sobre a Agência de Povos Marginalizados no Surgimento de Línguas Crioulas Afro-atlânticas] (2016).

Nesta breve discussão, notei que os falantes do Crucian são capazes de enfraquecer as tendências monológicas da gramática inglesa. Na próxima seção, foco em outra construção de *phrasal verbs*, que mostra o potencial do significado que distorce a gramática normativa do inglês e contribui para leituras de construções gramaticais novas e inovadoras na gramática crioula.

³⁴ Nossa tradução: “a) ‘Nós removeremos a sua cabeça’ [*cabeça* significa a pessoa] (o sintagma nominal aparece depois do morfema, dando ao *phrasal verb rip off* um sentido literal de ‘remover’, interpretado como ‘matar’); b) ‘Nós roubaremos a sua cabeça’ [*cabeça* significa a pessoa] (apesar de o sintagma nominal estar depois do morfema, o sentido pretendido, de acordo com o transcritor do tribunal, é de ‘roubar’; *rip off* tem um sentido figurado de ‘trapacear’ e um literal de ‘remover’)”.

Hot Up

Nas seções anteriores deste artigo, discuti a marcação zero de substantivos e de cópulas e argumentei que essa estratégia levava à ambiguidade no discurso. Nesta seção, analisarei exemplos de marcação aberta em construções de *phrasal verbs* no Crucian. Os enunciados elencados possuem itens de propriedade + morfemas funcionais, como, por exemplo, *hot up*. A bivocalidade emerge dessas construções na medida em que há uma tendência de se marcar abertamente o aspecto do morfema funcional, independentemente da interpretação conceitual dos itens de propriedade, como adjetivos estáticos ou verbos dinâmicos (ver Fig. 1 para uma análise similar de palavras do conceito de propriedade e ambiguidade, resultante de seus usos no *Pidgin* nigeriano). Holm (2000) refere-se a itens de propriedade desse tipo em AECs como “verbos adjetivos” (p.200)³⁵.

Em AECs, verbos adjetivos utilizam marcadores pré-verbais para expressar tempo, modo e aspecto. As estratégias de marcação TMA que são usadas com esses elementos gramaticais revelaram semelhanças entre línguas crioulas e africanas, como na codificação de uma qualidade incoativa: “Em algumas línguas crioulas, [verbos adjetivos] também podem ter o marcador de aspecto progressivo [...] indicando que a qualidade é incoativa (ou seja, está acontecendo) [...]. Esta é também uma característica generalizada nas línguas africanas” (HOLM, 2000, p.201)³⁶. Na seção *Cultivando a ambiguidade*, observei que os morfemas funcionais adicionam conteúdo aspectual a verbos em construções de *phrasal verbs*; eles são semelhantes aos marcadores pré-verbais a esse respeito, na medida em que podem codificar informações aspectuais, como a qualidade incoativa. Na seção *Estratégias de Complexidade e plurivocalidade*, notei que as AECs e seus substratos e adstratos da África Ocidental são proeminentes em aspecto. O leitor deve ter em mente esses pontos das duas seções acima à medida que revisamos o *phrasal verb hot up* no Crucian. Antes de começar a discussão, vale rever uma observação feita por Holm (2000) em relação aos *phrasal verbs* em AECs:

³⁵ No original: “adjectival verbs”.

³⁶ No original: “In some creoles [adjectival verbs] can also take the marker of progressive aspect ... indicating that the quality is inchoative (i.e. coming into being) This is also a widespread feature in African languages”.

Alguns das línguas crioulas de base inglesa criaram uma série de novos *phrasal verbs*, como o crioulo da Costa dos Mosquitos *apiir op* ‘aparecer’, *daak op* ‘escurecer’, *dronk op* ‘ficar intoxicado’, *hog op* ‘abraçar’, *uol op* ‘envelhecer’, *wet op* ‘ensopar’, *wind op* ‘ficar flatulento’. No entanto, aconselha-se cautela antes que qualquer coisa seja rotulada como inovação... É possível que alguns dos *phrasal verbs* da Costa dos Mosquitos mencionados acima representem, de fato, remanescentes de usos britânicos arcaicos ou regionais... No entanto, quando eles incluem verbos com base em adjetivos em inglês (por exemplo, *uol op* de *old* mais *up*), a possibilidade de serem verdadeiras inovações é muito maior (HOLM, 2000, p.131)³⁷.

O *corpus* do Crucian contém vários exemplos de *phrasal verbs*, como aqueles mencionados por Holm (2000) na citação acima, incluindo *hide up*, *search up*, e *stab up*. Foquei apenas nos verbos adjetivos + morfemas funcionais e nas construções de *hot up*, visto que essa construção é como aquelas que Holm acredita possuírem um potencial maior de serem consideradas uma inovação, ou seja, ocorrências gramaticais que desafiam as tendências normativas e centrípetas das línguas lexificadoras.

De acordo com o *Oxford English Dictionary*, as variedades de inglês britânico e americano dos EUA têm dois significados comuns associados aos usos do *phrasal verb hot up*: um significado literal “tornar-se ou tornar quente”, que é usado transitivamente com um objeto; e um significado figurativo “tornar-se ou tornar mais ativo, animado ou empolgado”, o que normalmente aparece intransitivamente. No *corpus* do Crucian, os falantes usam *hot up* apenas no seu sentido figurativo, mas observam-se os usos transitivos e intransitivos do *phrasal verb*. No exemplo (6), um falante se queixa de seu companheiro que usou seu veículo e, ao fazê-lo, atraiu a atenção da polícia. O *phrasal verb* é usado transitivamente com um objeto neste caso:

6) *You hot up me jeep with dem man.*
You made my jeep hot with the police. [atraiu fiscalização]

³⁷ No original: “Some of the English-based creoles have created a number of new phrasal verbs such as Miskito Coast CE *apiir op* ‘appear, show up’, *daak op* ‘turn dark’, *dronk op* ‘become intoxicated’, *hog op* ‘hug’, *uol op* ‘become old’, *wet op* ‘soak’, *wind op* ‘become flatulent’. However, caution is usually advisable before anything is labelled an innovation.... It is possible that some of the Miskito Coast CE phrasal verbs mentioned above actually represent survivals of archaic or regional British usages.... However, when they include verbs based on English adjectives (e.g. *uol op* from *old* plus *up*), the case for their being true innovations is much stronger”.

No exemplo (7), o *phrasal verb hot up* é usado intransitivamente e ocorre com o verbo *get*. O *phrasal verb* faz referência ao estado ou à característica de um local que atraiu a atenção da polícia:

7) *A telling you eh hot eh geh hot up.*
I'm telling you it's hot; it got hot. [foi fiscalizado]

Os enunciados em (6) e (7) mostram flexibilidade dos usos gramaticais de itens de propriedade e morfemas funcionais em construções de *phrasal verbs* no Crucian. De modo semelhante ao *swit* no exemplo do Pidgin nigeriano da Fig. 1, a língua crioula das Ilhas Vírgens possui interpretações verbais dinâmicas de itens de propriedade. A interpretação verbal de *hot* no exemplo (6) é confirmada pela especificação TMA, que aparece na forma de um morfema funcional *up*, e também pelo uso transitivo do *phrasal verb*. Essa interpretação se assemelha ao uso literal do *hot up* que foi observado no *Oxford English Dictionary*. No exemplo (7), o *phrasal verb* é usado intransitivamente e, portanto, *hot* pode ser analisado como um item de propriedade adjetival estática. A estratégia mais comum em inglês é tratar *hot* e *sweet* como adjetivos estáticos e, portanto, codificar informações aspectuais sobre itens verbais auxiliares ou alguma outra estratégia de marcação por inflexão. Nesses casos intransitivos, verbos como *become*, *get* ou *make*, ou estruturas aspectuais como *-ing*, expressam um significado incoativo, como, por exemplo, *getting hot*. Nos dados do Crucian, no entanto, houve várias ocorrências de uso de *hot up* intransitivamente, mas elas não ocorrem com itens auxiliares como *is*, *become* ou *get*. De acordo com a tradução do enunciado dado pelo transcritor do tribunal de fala Crucian, esses casos de *hot up* renderam significados incoativos. O morfema funcional deve ter fornecido essa informação aspectual nesses casos. Mesmo quando os interlocutores incluíam itens verbais, como se viu no uso de *geh* no exemplo (7), ainda havia uma tendência de incorporar um morfema funcional também. Esse excesso de especificação sugere que uma segunda voz está presente no discurso. A segunda voz afirma que o Crucian é de proeminente em aspecto, um traço característico das AECs e suas línguas de substrato da África Ocidental.

Conclusão

Meu objetivo neste artigo foi contribuir para a discussão sobre a complexidade da gramática crioula, enfocando uma estratégia discursiva polifônica chamada bicovalidade em Bakhtin (2015)³⁸ e plurivolcalidade em Faraclas *et al.* (2014), um fenômeno em que múltiplas vozes são envolvidas através de enunciados únicos de itens lexicais e gramaticais em línguas crioulas afro-caribenhas. Analisei aqui exemplos de *phrasal verbs* em um *corpus* do Crucian, a fim de descobrir se as regras normativas do inglês são refratadas para criar significados novos em línguas crioulas. Múltiplas vozes foram encontradas em enunciados únicos e concretos dos *phrasal verbs hot up* e *rip off*, e cada um deles ofereceu diferentes possibilidades de significado. A análise de *hot up* chamou a atenção para uma voz do enunciado que marcou abertamente o aspecto, através de um item funcional, mesmo nos casos em que um verbo auxiliar ocorreu com a palavra de conceito de propriedade. Esta estratégia de marcação parece ser uma questão de excesso de especificação desnecessária do ponto de vista da gramática inglesa, mas na verdade é uma estratégia que podemos esperar da gramática de uma língua de aspecto proeminente. No caso de *rip off*, observei que um significado potencial seguiu o padrão de inglês dos EUA, no qual um sintagma nominal posposto leva a um significado literal ou figurativo de ‘remover’; e o segundo significado potencial surgiu com um novo uso do crioulo afro-caribenho, específico da construção em que um sintagma nominal posposto possui o significado figurativo de ‘trapacear’ ou ‘roubar’. Nas variedades britânicas e americanas do inglês, a colocação do sintagma nominal restringirá um dos significados pretendidos e explicados nos exemplos (i) e (ii) na seção *rip off*.

Iniciei este artigo com uma discussão sobre discursos dominantes que prevalecem no estudo da simplicidade e complexidade em AECs. Parti da revisão da literatura de Siegel (2008) e sua discussão sobre um consenso crescente entre crioulistas sobre métricas que podem medir satisfatoriamente a complexidade em línguas crioulas. Embora elas sejam reconhecidas corretamente como línguas naturais, elas ainda são descritas como possuidoras de gramáticas mais simples, pelo fato de conterem menos unidades linguísticas, distinções fonéticas e operações derivativas do que suas línguas

³⁸ Para a referência da obra, cf. nota de rodapé 3.

de entrada. As características pragmáticas do discurso, como a bivocalidade, muitas vezes são ignoradas em estudos sobre complexidade na gramática, uma vez que esses recursos não possuem expressões gramaticalizadas que marcam abertamente suas distinções semânticas e pragmáticas (MCWHORTER, 2005, p.46). Esperamos que a análise de *hot up* deste artigo forneça uma nova visão sobre esta questão da marcação aberta e distinções pragmáticas.

A complexidade e a simplicidade foram enquadradas nos estudos sobre línguas crioulas como noções objetivas, medidas através da contagem de unidades linguísticas. Minha contribuição para a discussão contradiz a divisão rigorosa (ou/ou) que frequentemente se faz no estudo das línguas crioulas, a saber, que elas ou estão em conformidade com os padrões do lexificador ou seguem padrões de seus substratos e adstratos. Outro fato alarmante é que as estratégias discursivas raramente são contadas como parte das métricas de complexidade na gramática crioula. A morfossintaxe continua a ser o foco principal para determinar heranças de línguas de entrada, mesmo em situações em que as línguas crioulas continuam a ser faladas em conjunto com suas línguas de entrada e convergiram tipologicamente em relação a vários domínios linguísticos. Kihm (2011, p.82) faz uma observação sobre a Guiné-Bissau Kriyol a este respeito:

A relativa escassez de influências morfossintáticas do substrato não significa, no entanto, que o Kriyol não esteja perfeitamente incorporado ao seu ambiente sociolinguístico e cultural. Muito pelo contrário, de fato: em termos de semântica lexical, *estratégias discursivas*, pragmática e uso da linguagem em geral, o Kriyol é tão “africano” quanto as línguas que o circundam - aspas necessárias, uma vez que o epíteto não é suscetível a uma definição precisa, mas é um rótulo impressionista para um conjunto muito complexo de atitudes e práticas culturais, crenças compartilhadas, etc. (grifo meu)³⁹.

As considerações de Kihm sobre as complexas atitudes e práticas linguísticas e culturais adotadas pelos falantes de crioulo foi confirmada pela pesquisa de Faraclas e do *The Working Group on the Agency of Marginalized Peoples in the Emergence of the*

³⁹ No original: “The relative scarcity of morphosyntactic influences from the substrate does not mean, however, that Kriyol is not perfectly embedded in its sociolinguistic and cultural environment. Quite the opposite in fact: in terms of lexical semantics, *discourse strategies*, pragmatics, and language uses in general, Kriyol is just as ‘African’ as the surrounding languages – scare quotes necessary since the epithet is not susceptible of a precise definition, but it is an impressionistic label for a very complex set of cultural attitudes and practices, shared beliefs, etc.”.

Afro-Atlantic Creoles [Grupo de Trabalho sobre a Agência de Povos Marginalizados no Surgimento dos Crioulos Afro-atlânticos] (2016). As ideias de tal grupo de pesquisa sobre a interação dialógica e a ambiguidade no discurso crioulo foram validadas e corroboradas neste trabalho, por meio das análises de *phrasal verbs* e de suas características de bivocalidade em AECs.

REFERÊNCIAS

AMEKA, F.; BREEDVELD, A. Areal Cultural Scripts for Social Interaction in West African Communities. *Intercultural Pragmatics*, v.1, n.2, pp.167-187, 2004.

ANSALDO, U. The Evolution of Singapore English: Finding the Matrix. In: LIM, L. (Ed.). *Singapore English: A Grammatical Description*. Amsterdam: John Benjamins, 2004, pp.127-150.

ARENDS, J.; PERL, M. *Early Suriname Creole Texts: A Collection of 18th Century Sranan and Saramaccan Documents*. Madrid: Bibliotheca Ibero-Americana, 1995.

BAKHTIN, M. From Discourse in the Novel. In: _____. *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Edited by Michael Holquist; translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin, TX: University of Texas Press, 1981, pp.259-422.

_____. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Edited and translated by Caryl Emerson. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1984.

BAKKER, P. You Got Gungbe, but We Got the Numbers: Feature Pools Show that Creoles Are Still Typologically Distinct. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.31, n. 2, pp.419-435, 2016.

BAKKER, P., DAVAL-MARKUSSEN, A.; PARKVALL, M.; PLAG, I. Creoles are Typologically Distinct from Non-Creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.26, n.1, pp.5-42, 2011.

BICKERTON, D. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, Inc, 1981.

BRAHWAITHE, K. Nation Language. In: _____. *History of the Voice: The Development of Nation Language in Anglophone Caribbean Poetry*. London: New Beacon, 1984, pp.5-19.

CORUM, M. *Substrate and Adstrate: The Origins of Spatial Semantics in West African Pidgincreoles*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

CRUCIAN WIRETAPS CORPUS. Compressed Line Sheets [text data files]. Retrieved from the English Department of University of Puerto Rico, Río Piedras, 2006.

DEGRAFF, M. On the Origin of Creoles: A Cartesian Critique of Neo-Darwinian Linguistics. *Linguistic Typology*, v.5, n.2/3, pp.213-310, 2001.

DU BOIS, W. *Souls of Black Folk*. Chicago: A. C. McClurg & Company, 1903.

ESSEGBEY, J. The Basic Locative Construction in Gbe Languages and Surinamese Creoles. *Journal of Pidgin and Creole Linguistics*, v.20, n.2, pp.229-267, 2005.

FARACLAS, N. From Old Guinea to Papua New Guinea: A Comparative Study of Nigerian Pidgin and Tok Pisin. In: VERHAAR, J. (Ed.). *Melanesian Pidgin and Tok Pisin: Proceedings of the First International Conference on Pidgins and Creoles in Melanesia*. Amsterdam: John Benjamins, 1990, pp.91-169.

_____. Personal Interview Conducted during an Independent Study at University of Puerto Rico titled *Cognitive semantics for creole linguistics*, May 15, 2009.

_____; GONZÁLEZ COTTO, L.; CORUM, M.; JOSEPH HAYNES, M.; URSULIN MOPSUS, D.; VERGNE, A.; AVILLÁN LEÓN, P.; CRESCIONI, S.; CRESPO VALEDÓN, D.; DOMINGUEZ ROSADO, B.; LECOMPTE ZEMBRANA, P.; PIERRE, J.; LAO MELENDEZ, H.; AUSTIN, V.; GIBB DEPEZA, H.; JESSURUN, A. Creoles and Acts of Identity: Convergence and Multiple Voicing in the Atlantic Creoles (special issue dedicated to John Holm). *PAPIA*, v.24, n.1, pp.173-198, 2014.

_____; THE WORKING GROUP ON THE AGENCY OF MARGINALIZED PEOPLES IN THE EMERGENCE OF THE AFRO-ATLANTIC CREOLES. *Toward Post-Colonial Frameworks for the Study of the Emergence of Creolized Languages and Societies in the Afro-Atlantic*. Paper presented at the 3rd Bremen Conference on Language and Literature in Colonial and Postcolonial Contexts, Universität Bremen, Germany, 2016.

GONZÁLEZ-LÓPEZ, C. *Chamu Chamu Ye Tu (Talk Some, Leave Some) A Culture of Resistance and the African Substrate: The Role of 'Spirit' or Secret Languages in the Genesis and Development of Atlantic Creoles*. 301 p. Unpublished doctoral dissertation. University of Puerto Rico, Río Piedras, 2014.

HALL, E. *Beyond Culture*. New York: Anchor Press, 1976.

HOLQUIST, M. *Dialogism: Bakhtin and His World*. 2. ed. New York: Routledge, 2002.

HOLM, J. *Copula Variability on the Afro-American Continuum*. Paper presented to the Society for Caribbean Linguistics. Guyana, 1976.

_____. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

HUANG, M. Solving the Riddle of Metaphor: A Salience-based Model for Metaphorical Interpretation in a Discourse Context. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (Eds.). *New Directions in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, pp.107-126.

KAPLAN, J. *English Grammar: Principles and Facts*. New York: Prentice Hall, 1994.

KIHM, A. Substrate Influences in Kriyol: Guinea-Bissau and Casamance Portuguese-related Creole. In: LEFEBVRE, L. (Ed.). *Creoles, Their Substrates, and Language Typology*. Amsterdam: John Benjamins, 2011, pp.81-104.

LE PAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. *Linguistic Acts of Identity: Creole-based Approaches to Language and Ethnicity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1981.

- MAZZOLI, M. Property Items in Nigerian Pidgin: Verbs or Adjectives? In: CALABRESE, R.; CHAMBERS, J.; LEITNER, G. (Eds.). *Variation and Change in Post-Colonial Contexts*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015, pp.79-108.
- MCWHORTER, J. *Defining Creole*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- _____. *Linguistic Simplicity and Complexity: Why do Languages Undress?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- MERCHANT, C. The Scientific Revolution and *The Death of Nature*. *Isis*, v.97, pp.513-533, 2006.
- MUFWENE, S. Simplicity and Complexity in Creoles and Pidgins. *Journal of Language Contact*, v.6, pp.161-179, 2013.
- PARKVALL, M. *Out of Africa*. London: Battlebridge, 2000.
- SIEGEL, J. *The Emergence of Pidgins and Creoles*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- TARR, D. H. *Indirection and Ambiguity as a Mode of Communication in West Africa: A Descriptive Study*. 275 p. Unpublished doctoral dissertation. University of Minnesota, St. Paul, 1979.
- VERGNE, A. Reflections on Ethical Issues in Fieldwork. *La Torre*, v.13, n.49, pp.511-517, 2008.
- VON WERLHOF, C. Losing Faith in Progress: Capitalist Patriarchy as an ‘Alchemical System.’ In: BENNHOLDT-THOMSEN, V.; FARACLAS, N.; VON WERLHOF, C. (Eds.). *There Is an Alternative: Subsistence and Worldwide Resistance to Corporate Globalization*. New York: Zed Books, 2001, pp.15-40.
- VOLOŠINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Translated by Ladislav Matejka and I. R Titunik. New York, NY: Seminar Press, 1973.

Translated by Livia Cremonez – liviashy@gmail.com

Recebido em 13/07/2017

Aprovado em 01/04/2018